

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA–LICENCIATURA

Dilza Cristina Signor

**A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA POR PROJETOS DE TRABALHO: UMA
ANÁLISE DO COTIDIANO ESCOLAR**

Porto Alegre
1ºSemestre
2017

Dilza Cristina Signor

**A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA POR PROJETOS DE TRABALHO: UMA
ANÁLISE DO COTIDIANO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra dos Santos Andrade

Porto Alegre

2017

AGRADECIMENTOS

Ao encerrar mais uma etapa da minha vida, gostaria de agradecer à minha família, em especial ao meu pai, Moacir Luiz Signor, que sempre acreditou no meu potencial, incentivando-me e mostrando-me a importância dos estudos, não medindo esforços para me ajudar durante toda minha trajetória pessoal e acadêmica.

Ao meu marido, Fábio William Franco, por ter me encorajado a ingressar nesta Universidade. Sem esse apoio, eu certamente não teria conseguido chegar onde estou hoje, porque ele sempre esteve presente, compartilhando minhas conquistas, minhas angústias e também frustrações durante minha trajetória acadêmica.

À minha orientadora, Sandra dos Santos Andrade, pelo acolhimento, auxílio e compreensão durante a conclusão deste trabalho, por sempre me acalmar com suas palavras gentis e carinhosas, sem as quais, esse caminho se tornaria muito mais difícil.

Às professoras que consentiram participar deste estudo, tornando possível a realização da pesquisa.

Às minhas colegas, Franceline Michailoff e Rúbia Johann, que se tornaram grandes amigas, que sempre estiveram ao meu lado, partilhando aprendizagens, dificuldades e conquistas durante esses quatro anos. Obrigada pelo apoio em todos os momentos de que precisei, pelas conversas e risadas que tivemos a fim de desopilar um pouco do TCC. Minhas lindas, obrigada pela amizade.

A todos os professores da UFRGS, que desempenharam com dedicação as aulas ministradas, proporcionando-me desafios e inúmeras aprendizagens.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a minha formação.

Obrigada!

Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes.

Rubem Alves

RESUMO

Este trabalho tem como temática os Projetos de Trabalho e pergunta: O entendimento das professoras sobre Projetos de Trabalho se aproxima dos estudos e pesquisas sobre o assunto? Em que medida? A metodologia empregada foi o estudo de caso, utilizando, como principal ferramenta metodológica, entrevistas semiestruturadas com quatro professoras de duas escolas da rede privada de ensino de Porto Alegre que dizem trabalhar com os Projetos de Trabalho. O estudo tem como objetivo compreender o que entendem as professoras entrevistadas a respeito dos Projetos de Trabalho, como planejam e organizam o trabalho em torno dessa prática. Tal estudo foi motivado pela minha trajetória acadêmica em que somos orientados a enxergar o aluno como sujeito ativo na construção do conhecimento, pois acredito que essa proposta contribui para a construção do conhecimento significativo, uma vez que se torna muito mais fácil estabelecer relações entre as diferentes áreas do conhecimento. O trabalho fundamenta-se, centralmente, nos princípios defendidos por Hernández e Ventura (1998) e Jolibert (1994). Uma proposta de ensino alicerçada nos princípios dos Projetos de Trabalho contribui para a formação de um sujeito que seja capaz de resolver problemas, de interagir e agir na sociedade de forma mais competente e autônoma. O estudo mostrou que nenhuma das professoras entrevistadas realiza um trabalho que se aproxime completamente dos princípios defendidos pelos autores sobre os Projetos de Trabalho; porém, elas também não se afastam por completo dessas ideias.

Palavras-chave: Projetos de Trabalho. Planejamento. Organização Pedagógica.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
1 A PEDAGOGIA DE PROJETOS: PINCELADAS DA HISTÓRIA	9
2 ENTRE PLANOS E CAMINHOS INVESTIGATIVOS – METODOLOGIA	17
2.1 APRESENTANDO O CAMPO DE PESQUISA	20
2.2 AS ENTREVISTADAS	21
3 OS PROJETOS DE TRABALHO NA VISÃO DAS PROFESSORAS	23
3.1 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO – PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	44
APÊNDICE II – Roteiro de entrevista semiestruturado	43

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como propósito compreender o que entendem as professoras entrevistadas, atuantes em duas escolas da rede privada de ensino de Porto Alegre, a respeito dos Projetos Trabalho, tendo como foco a questão: *O entendimento das professoras sobre Projetos de Trabalho se aproxima dos estudos e pesquisas sobre o assunto? Em que medida?*

A escolha dessa temática surgiu a partir das práticas realizadas ao longo de minha graduação, pois, nós, estudantes de Pedagogia, somos orientadas a enxergar o aluno como sujeito ativo na construção do conhecimento, capaz de ser crítico frente às diversas questões que permeiam a sociedade. Para que isso de fato aconteça, no entanto, o professor precisa se dispor a investigar/pesquisar/conhecer os interesses dos seus alunos, e o que eles gostariam de aprender para, assim, desenvolver atividades carregadas de intencionalidade, que conduzam os alunos a resolverem situações-problema do cotidiano, colocando-os como protagonistas na construção do conhecimento.

Durante meu estágio obrigatório, realizado na 7ª etapa do curso de licenciatura em Pedagogia, pude colocar em prática essa concepção de ensino quando organizei o meu trabalho em sala de aula por projetos. Essa prática vai ao encontro das ideias de muitos estudiosos que trabalham na perspectiva dos projetos pedagógicos—como Dewey (2010) Hernández (1998), e Jolibert (1994) os quais defendem que o conhecimento é construído a partir do interesse dos educandos. Tais conceitos corroboram o que acredito em termos de planejamento, ou seja, uma relação pedagógica fundamentada na participação e na colaboração dos alunos nas diferentes etapas do planejamento.

Dessa forma, a experiência que tive com os Projetos de Trabalho em sala de aula impulsionou-me a querer saber mais sobre essa forma de organizar o ensino. Ao desenvolver esse trabalho com minha turma de quarto ano do Ensino Fundamental, percebi que essa prática nos permite relacionar as diferentes áreas do conhecimento, facilitando o processo de aprendizagem, uma vez que se torna muito mais fácil estabelecer relações entre os diferentes conteúdos, tendo uma temática como fio condutor, em uma proposta interdisciplinar.

Em vista dessa inferência, busquei compreender o que as professoras entendem a respeito dos Projetos de Trabalho: como planejam e organizam o fazer pedagógico dentro dessa proposta? Quais metodologias são adotadas por essas professoras? Como ocorre a participação das crianças quando da escolha e do desenvolvimento das propostas de trabalho?

Para responder às minhas questões, escolhi realizar um estudo de caso de caráter qualitativo, a partir de entrevistas semiestruturadas com professoras da Educação Infantil e do Ensino Fundamental em duas escolas distintas da rede privada de ensino e análise documental dos planos de aula elaborados por elas. O estudo de caso foi pensado, pois têm como principal objetivo gerar dados singulares e específicos a partir de um determinado grupo.

O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. [...] O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações (LUNDKE; ANDRÉ, 1986, p.17).

Para elaboração deste trabalho, apoio-me referencialmente em autores que conceituam os Projetos de Trabalho, como Fernando Hernandes (1998), pois é, a partir dele, que analiso e sistematizo esta pesquisa, uma vez que esse estudioso descreve de maneira clara o que são os Projetos de Trabalho. Ao mesmo tempo, discorre sobre como organizar os conteúdos nos projetos uma vez que se faz necessário repensar a escola e o currículo. Apoio-me também em Josette Jolibert (1994) com base nas suas investigações a respeito da importância da leitura no universo infantil. Essa autora traz os Projetos de Trabalho como uma forma de dar ao aluno autonomia no cotidiano escolar. Sustenta, ainda, a ideia de que o aluno deve ser o protagonista do seu próprio saber, não precisando do adulto para lhe dizer o que é preciso estudar. Essa ideia sustenta-se em que o discente pode conceber a aprendizagem a partir das suas dúvidas, incumbindo ao professor a função de mediar a busca pelo conhecimento e não sendo apenas o provedor de saberes.

Para este estudo investigativo, escolho por me apropriar do termo “Projetos de Trabalho” quando me referir à organização do ensino por projetos, pois acredito

que não exista um modelo pronto ou acabado ao se trabalhar com essa proposta pedagógica, uma vez que existem inúmeras especificidades no âmbito escolar. É necessário, portanto, elaborar metodologias que abranjam as especificidades daquela determinada turma na qual está sendo realizado o trabalho, pois as estratégias pensadas para tal grupo de crianças podem não funcionar da mesma forma para outro. Nesse sentido, defendo a ideia de que esta proposta possibilita contemplar as diferentes formas de aprendizagem, dado que o ensino se constrói de forma significativa, uma vez que os educandos contribuem ao desenvolvimento das propostas que serão realizadas do decorrer do estudo; ou seja, o ensino é pensado COM as crianças e não PARA as crianças.

Nesse sentido, minha pesquisa não tem a intenção de homogeneizar os dados obtidos no decorrer deste estudo, e sim analisar as especificidades e singularidades para compreender o trabalho pedagógico realizado por essas professoras em vista dos Projetos de Trabalho, com o intuito de compreender se essas propostas se aproximam dos estudos e pesquisas sobre o assunto.

Na primeira seção, faço uma pequena apresentação histórica sobre surgimento dos Projetos de Trabalho e os princípios defendidos pelos autores sobre essa concepção de ensino.

No capítulo denominado *Os Projetos de Trabalho na visão das professoras*, procurei fazer uma análise sobre a compreensão das educadoras a respeito dessa proposta de ensino a partir das suas narrativas.

Na seção *Organização do Trabalho – Participação das Crianças* faço uma análise dos planos dos projetos elaborados pelas professoras juntamente com suas narrativas, com intuito de entender como são organizadas as ações em sala de aula e a forma como acontece a participação das crianças no decorrer do projeto.

Encerrando este trabalho, trago minhas considerações a respeito desta pesquisa, nas quais exponho as análises finais e as aprendizagens que construí partir da realização deste estudo.

1 A PEDAGOGIA DE PROJETOS: PINCELADAS DA HISTÓRIA

Para dar início a este estudo, acredito ser importante compreender o contexto histórico e os conceitos defendidos a partir da perspectiva de Dewey (2002), Anísio Teixeira (2010), Lourenço Filho (2010), Hernández (1998) e Josette Jolibet (1994) a respeito da Pedagogia de Projetos. Tais definições fazem-se importantes, pois são utilizadas no decorrer do meu estudo investigativo.

Os primeiros estudos acerca da Pedagogia de Projetos surgiram nos Estados Unidos a partir dos princípios educacionais de John Dewey, no início do século XX, em um cenário em que o sistema educacional tradicional estava sendo questionado. A proposta da Pedagogia de Projetos foi desenvolvida com o intuito de inovar, de romper com o modelo de ensino denominado à época de tradicional e considerado pelos estudiosos como ineficaz, contestando o papel do professor, dos alunos e da organização do ensino. A partir desses questionamentos, novas ideias sobre educação surgiram durante esse período, e um movimento contestatório foi organizado – formado por um conjunto de ideias e práticas diferenciadas no campo da educação, chamado de Escola Nova ou Escola Ativa (XAVIER, 2003).

Esse ideário principiou no final do século XIX em diferentes lugares, principalmente na Europa, encabeçado por diversos pensadores como Adolphe Ferrière, Maria Montessori, Ovide Decroly, Celestin Freinet, entre outros. Esses estudiosos defendiam uma organização curricular globalizada e interdisciplinar dos conteúdos escolares, onde a escola se transformaria em um grande laboratório, em que os alunos apreenderiam a partir da experiência, tomando como ponto de partida do estudo os conhecimentos prévios dos alunos (XAVIER, 2003).

Esses pesquisadores defendiam a “[...] centralidade da criança nas relações de aprendizagem, o respeito às normas higiênicas na disciplinarização do corpo do aluno e de seus gestos, a cientificidade da escolarização de saberes e fazeres sociais e a exaltação do ato de observar, de intuir, na construção do conhecimento do aluno” (VIDAL, 2003, p. 497). No Brasil, o movimento teve muitos adeptos e tomou força no início do século XX, principalmente a partir da década de 1930, com a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932. A escrita do documento foi conduzida por Fernando de Azevedo, com o apoio de Anísio Teixeira,

Lourenço Filho, Roquette Pinto, Cecília Meirelles e vários outros nomes. Afirmavam que ainda não havia sido criada no Brasil uma organização escolar que fizesse jus às necessidades do país em desenvolvimento e carente de modernização. Foi a partir dessas correntes ideológicas, tanto brasileiras quanto europeias, que o movimento da Escola Nova fortaleceu-se no Brasil com o intuito de criar uma educação pública gratuita, laica, obrigatória e fundamentada na criatividade científica.

Foi nesse cenário pedagógico que a pedagogia de Dewey tomou corpo no Brasil. Ele defendia uma educação baseada na experiência. Para esse autor, o ensino deveria ser “uma forma de interação, pela qual os dois elementos que nela entram – situação e agente – são modificados” (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p.35). Dessa maneira, quando experienciamos algum tipo de situação, conseqüentemente há uma transformação conjunta entre o agente do conhecimento e o evento conhecido, pois é na interação que podemos fazer relações para darmos sentido a algo antes desconhecido, ou seja, tudo que vivemos, experimentamos gera algum tipo de conhecimento. Ele acreditava que as crianças precisavam ter a possibilidade de testar e resolver situações problemáticas, utilizando as suas próprias vivências para resolvê-las.

O que se aprende “isoladamente” de fato não se aprende. Tudo deve ser ensinado, tendo em vista o seu uso e sua função na vida. Quando a criança percebe a relação e a função do que vai aprender, que ela tem interesse e impulso para realizar os “exercícios” necessários. (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p.61).

Nesse sentido, penso que a educação não pode ser algo desinteressante, deve ser prazerosa e instigante, uma educação que coloque o aluno no lugar de protagonista na construção do seu conhecimento, vivenciando, experimentando o objeto de aprendizagem, construindo assim uma aprendizagem significativa e funcional. Para tanto, faz-se necessário criar objetivos que contemplem tais princípios de educação e, nesse sentido, Dewey *apud* Westbrook e Teixeira (2010) nos apontam que:

Os objetivos educacionais devem ser gerais e abrangentes, no que diz respeito a ampliar a percepção dos educandos, estimulando-os a identificar as mais variadas relações e conexões, contribuindo para uma visão mais ampla e flexível dos fenômenos (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p.85).

O mundo não é um lugar fragmentado ou compartimentado por disciplinas ou campos do saber, todos os elementos que compõem nosso planeta estão interligados, por isso é preciso mostrar para as crianças que nada acontece de forma isolada. Sendo assim, a escola e a sociedade que a rodeia são um lugar onde as crianças podem experimentar, criar, agir, testar seus conhecimentos, cometer acertos e erros, construindo o conhecimento de forma participativa, ou seja, um espaço em que os educandos possam ter a oportunidade de participar ativamente.

Baseado nos princípios de John Dewey, o também americano William Kilpatrick, nos meados do século XX, criou o método pedagógico de projetos. Essa proposta tinha como propósito integrar o currículo com os interesses dos alunos. Para esse autor, a escola deveria estar ligada à vida, ao cotidiano, e que o conhecimento adquirido no ambiente escolar fosse executado fora da escola.

[...] O principal ponto de partida do método de projetos deriva da seguinte filosofia: “porque não fazer dentro da sala de aula o que se faz continuamente na rua, no ambiente virtual verdadeiro?” [...] o método de projetos desenvolve-se com a finalidade de resolver problemas de meninos e meninas em suas vidas cotidianas, como construir uma cabana, preparar uma festa local, construir uma pequena horta, proteger e ajudar um animal ferido (KILPATRICK, 1967 apud SANTOMÉ 1998, p.25).

Diante desse cenário, as ideologias da Escola Nova vinham com a proposta de repensar o ensino brasileiro na perspectiva de testar uma nova pedagogia, a fim de motivar a aprendizagem e mudar a conduta do aluno, de tornar a sala de aula um espaço que valorizasse o pensamento, a crítica e os questionamentos das realidades e valores. Lourenço Filho, citado por Monarcha (2010), apresenta a metodologia da Escola Nova utilizada no cenário brasileiro à época como sendo:

[...] programas genéricos que procuram seguir a evolução dos interesses naturais da criança. Por isso mesmo, globalizam as matérias, sob a forma de problemas de desenvolvimento, centros de interesse ou projetos. Dessa concepção, resulta completa transformação do andamento do trabalho

escolar, ou seja, do horário. Em lugar de horários mosaicos, com discriminações de lições, por minutos, surgem planos flexíveis, para o ensino diário ou semanal, em que os estudos naturais das crianças possam ser aproveitados com eficácia, no sentido do trabalho do criador. Programas e horários não separam, na escola nova, a matéria, do método, o conteúdo da função do aprendizado (FILHO apud MONARCHA, 2010, p. 61).

Essa nova concepção de ensino entrou em choque com os princípios da educação tradicional por intermédio da qual o ensino tomava como referência a perspectiva do adulto e não da criança. Esses novos fundamentos pedagógicos buscavam formar cidadãos críticos capazes de tomar suas próprias decisões, mas, para isso, as crianças precisavam deixar de ser coadjuvantes para tornarem-se protagonistas da construção do conhecimento. Nesse compasso, Anísio Teixeira compreendeu a Escola Nova não como ruptura com a Escola Tradicional, mas como um conjunto de estratégias positivas para uma reformulação didática. Para esse autor, era preciso reformular o ensino brasileiro e não descartá-lo completamente.

[...] nem tudo fora descartado da velha pedagogia jesuíta. Dela procurou resgatar, sob uma outra matriz filosófica, o saber socialmente relevante do currículo humanista; o realismo construído pela inserção histórica do ato educativo; a articulação entre fins e meios; a valorização das atividades da sala de aula e do professor; a questão da centralidade do sujeito, o que significava trabalhar o profundo envolvimento da pessoa na ação educativa (NUNES apud TEIXEIRA, 2010, p. 49).

Dessa forma, buscou-se criar uma educação que levasse em conta a valorização da experiência do alunado por meio da investigação, da experimentação a partir de um ensino prático. Essa nova concepção baseia-se no sentido de a criança não receber apenas o conhecimento, mas que ela possa aprender a partir da participação impulsionada pelo desejo de aprender.

Diante desse panorama educacional, entre 1931 e 1935, iniciou-se um movimento de reformulação na formação de professores, frente a essa nova concepção de ensino que estava surgindo. Esse novo formato, no entanto, não se alastrou de imediato por todo o país, aconteceu primeiramente na escola de Ensino Normal do Distrito Federal que foi transformada em Instituto de Educação, sendo implementada a Universidade do Distrito Federal por meio do Decreto nº 5.513, de abril de 1935. A partir desse Decreto, o Instituto seria o responsável por dar

formação técnica aos professores primários, secundários e especializados. O curso oferecido pelo Instituto teria a duração de dois anos. O seu currículo acadêmico era diferenciado, cujo ensino era estruturado em seções.

Cada seção era coordenada por um professor-chefe, assim, haviam seções de biologia educacional e higiene; educação: história e filosofia da educação, educação comparada e administração escolar; psicologia educacional e sociologia educacional; matérias de ensino primário; matéria de ensino secundário; desenho e artes aplicadas; música; educação física, recreação e jogos; e prática de ensino primário; e prática de ensino secundário (FILHO apud MONARCHA, 2010, p. 76).

Esse modelo de currículo foi fundamentado a partir dos programas de ensino do *Teacher College*, da Universidade de Columbia, onde Anísio Teixeira e outros intelectuais da época estudaram e obtiveram o título de *Master of Arts*. O Instituto buscava formar professores que abandonassem a base empírica tradicional para apoiar-se em fundamentos e objetivos, assim “não bastava só o cultivo geral para que o educador cumpra a missão social que lhe cabe, é forçoso exigir sobre a base de cultura geral suficiente, uma sólida preparação técnica profissional” (MONARCHA, 2010, p.75).

Nesse sentido, a escola de professores de Brasília representou a primeira iniciativa, no país, para promover a formação do magistério em nível superior, voltado para novas bases educacionais mediante processos ainda não utilizados nas escolas brasileiras. No entanto, Monarcha (2010) salienta que a formação recebida no Instituto de Educação na época “colocava em cena um professor decididamente inclinado para o modelo de ensino comportamentista” (MONARCHA, 2010, p.77), ou seja, um ensino voltado para conduta humana, indo de encontro às ideias defendidas por Dewey.

O movimento de Escola Nova no Brasil contribuiu para algumas reformas na educação brasileira, as quais foram sendo construídas progressivamente, promovendo avanços no ensino primário obrigatório, a implantação do ensino secundário e a criação da universidade. As propostas pedagógicas idealizadas por Anísio Teixeira, a partir dos princípios defendidos por Dewey, não foram expandidas, porém contribuíram para uma melhoria no sistema de ensino.

Em vista de se construir um ensino interdisciplinar e com uma visão globalizada, na década de 1990, pesquisadores espanhóis reacenderam o debate sobre um ensino ancorado na elaboração de Projetos. Essa proposta visava construir um espaço onde a criança iria resolver problemas da vida cotidiana, por intermédio da investigação, da exploração de ideias, para executar um estudo que seja do seu interesse a partir de um ensino organizado por Projetos.

Essa visão de ensino fez adeptos em diferentes partes do mundo, estudiosos que defendiam uma organização curricular fundamentada nos princípios do trabalho por projetos, “visavam transformar a escola em um grande “auditório/ laboratório”, desartificializando as atividades escolares”. Citam-se como alguns dos nomes mais relevantes, Santomé e Hernández (Espanha), Jolibert (França), Délia Lerner e Ana Maria Kalfman (Argentina), Monique Deheizelin e Miguel Arroyo (Brasil) , entre outros no Brasil (XAVIER, 2003, p. 21).

A organização de ensino proposta por Fernando Hernández e Monserrat Ventura (1998) é denominada de “Projetos de Trabalho”, prática que propõe relacionar os saberes científicos da escola e os saberes populares encontrados fora dela, tornando os alunos os protagonistas de sua aprendizagem. Para os autores, os projetos de trabalhos são uma forma de organizar o currículo, cujos conteúdos não sejam vistos como fins, mas como meios. Essa proposta possibilita organizar o currículo por temas ou problemas, estimulando os alunos a partir de diferentes procedimentos e estratégias, favorecendo a autonomia progressiva dos educandos. Nessa lógica, Hernández e Ventura (1998) nos explicam que a função do projeto:

É favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação a: 1) o tratamento da informação, e 2) a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio (HERNANDEZ; VENTURA, 1998, p. 61).

Essa organização do ensino possibilitaria uma remodelagem na prática pedagógica, em que, tradicionalmente, os conceitos e os saberes partem da memorização, de forma engessada sem atribuição de significado pelos educandos. O trabalho com projetos, na visão desses autores, visa construir na escola um

espaço participativo, onde o ensino seja realizado de forma global, relacionando as diferentes áreas do conhecimento tendo como objetivo a compreensão de um fenômeno ou de um problema. Dessa forma, os alunos – assim como o professor - aprendem juntos e determinam juntos: o que vão estudar, como vão estudar, onde irão estudar e o que farão com as informações encontradas e com as novas aprendizagens adquiridas. Diante dessa prática, os alunos desenvolvem a consciência do seu papel no processo de aprendizagem, pelo qual são responsáveis, no entanto, nunca estarão sozinhos durante o percurso, o professor sempre estará mediando e conduzindo o desenvolvimento dos seus estudos. O docente possui o papel crucial nessa proposta, de não deixar os alunos perderem o interesse pela busca do conhecimento. Para tanto, então, precisa propor atividades que instiguem e que entusiasmem seus alunos dentro do enfoque escolhido para o estudo, uma vez que:

É importante constatar que a informação necessária para se construir os Projetos não está determinada de antemão, nem depende do educador ou do livro-texto está sim em função do que cada aluno já sabe sobre um tema ou da informação com a qual se possa relacionar dentro e fora da escola (HERNANDEZ, 1998, p.64).

Sendo assim, o estudo parte na busca pelo tema que será estudado, ao qual será levantada uma problemática ou um assunto pelas crianças, em conjunto com seu professor. O tema não é escolhido somente porque os discentes acham-no relevante, a escolha é realizada a partir de critérios quanto ao interesse, às curiosidades e às aprendizagens que podem ser efetuadas sobre aquele tema, sempre tendo um problema a ser resolvido como ponto de partida do estudo. “Ele pode surgir de outros projetos já trabalhados ou originar-se de um fato da atualidade, surgir de um problema proposto pela professora ou emergir de questões que ficaram pendentes em outros projetos” (HERNANDEZ 1998, p.66).

A estudiosa francesa Josette Jolibert, contemporaneamente a Hernández e Ventura, na década de 1990, também retomou a discussão acerca dos projetos pedagógicos. A autora defende que a principal ação que promove os Projetos de Trabalho, é a “cooperação” dos alunos na organização e no desenvolvimento do trabalho em sala de aula, local onde devem construir o seu conhecimento de forma

autônoma, pois estão em um ambiente favorável de aprendizagem e são vistos como agentes ativos do processo educativo.

Diante dessa nova visão do aprender, a autora nos diz que os Projetos de Trabalho possibilitam que o aluno adquira o conhecimento fazendo, executando, se reconhecendo como autor do processo de aprendizagem, pois, a partir da investigação de conceitos já conhecidos, os alunos descobrem outros que vêm à tona durante o desenvolvimento dos projetos. Com isso, estabelecem-se relações significativas entre os conhecimentos, resignificando suas aprendizagens de forma reflexiva e ativa. O trabalho do docente como mediador é essencial, pois, ao mesmo tempo em que o aluno precisa se reconhecer como protagonista, ele também precisa sentir a presença do professor que dá assistência, ouvindo, questionando e orientando, visando proporcionar a construção do conhecimento. Essa mediação resulta em criar situações de aprendizagem, que possibilitem aos alunos elaborar estratégias para sistematizar os conteúdos envolvidos no projeto, a fim de dar forma aos conhecimentos colocados em ação.

Os três autores: Fernando Hernández, Monserrat Ventura e Josete Jolibert, possuem ideias bastante parecidas quanto à organização dos Projetos de Trabalho, e sistematizam sua organização em cinco etapas:

- ✓ 1º-Escolher do tema;
- ✓ 2º - Elaborar um índice junto às crianças;
- ✓ 3º Fazer o tratamento das informações, com o intuito de elencar os conteúdos conceituais e procedimentais, as técnicas necessárias para o desenvolvimento do estudo;
- ✓ 4º Calcular o tempo de duração do projeto (semanal, quinzenal, mensal, anual);
- ✓ 5º Avaliar as aprendizagens construídas.

A utilização dessas etapas, é de suma importância para organizar o trabalho da professora e do grupo de alunos, pois, essa organização, possibilita tornar a sala de aula um ambiente organizado, participativo e democrático, que conduz a participação dos educandos, na sistematização do início ao fim do projeto.

2 ENTRE PLANOS E CAMINHOS INVESTIGATIVOS–METODOLOGIA

Este estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa com caráter exploratório e investigativo com enfoque do tipo estudo de caso. O estudo de caso é um estudo pontual, cuja investigação dá-se de forma precisa, aprofundada e detalhada. De acordo Merriam, citado em André (2008), o estudo de caso:

Focaliza uma situação, um programa, um fenômeno particular. O caso em si tem importância, seja pelo o que revela sobre o fenômeno, seja pelo que representa. É, pois, um tipo de estudo adequado para investigar problemas práticos, questões que emergem do dia-a-dia (MERRIAN, 1988, apud ANDRÉ, 2008 p. 17-18).

Como referido, o estudo de caso busca estudar algo específico, é uma investigação que visa à descoberta com o intuito de retratar os diferentes pontos de vista relacionados a um contexto. Dessa forma, a questão a ser pesquisada e analisada deve ser relacionada “[...] às situações específicas onde ocorrem ou à problemática determinada a que estão ligadas” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 18). Nesse compasso, o estudo de caso pode “não apenas se concentrar em um caso, mas em vários, como por exemplo, várias escolas, vários professores, com finalidade intrínseca ou instrumental” (STEKE, 1995, apud ANDRÉ, 2008, p. 20).

Dessa forma, minha investigação caracteriza-se como um estudo de caso, porque neste trabalho analiso a compreensão de diferentes professoras, de duas diferentes escolas, a respeito dos Projetos de Trabalho: como compreendem, planejam e organizam o fazer pedagógico dentro dessa proposta. Este estudo tem como sujeitos da investigação quatro professoras atuantes em escolas distintas da rede privada de ensino do município de Porto Alegre, sendo duas delas atuantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental e as outras duas atuantes na Educação Infantil.

Utilizarei como ferramenta de pesquisa as entrevistas semiestruturadas com essas professoras, sendo esse um dos materiais empíricos que compõe esta pesquisa. Essa estratégia foi pensada no intuito de ajudar a capturar o entendimento

das professoras sobre os princípios dos Projetos de Trabalho. Para Ludke e André (1986):

A grande vantagem da entrevista sobre as outras técnicas é que ela permite a capacitação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos (LUDKE; ANDRÉ 1986, p. 34).

Optei pela entrevista semiestruturada, por ser uma das estratégias metodológicas bastante utilizadas na área da educação e dentro dos estudos de caso. Essa prática permite que a entrevistadora oriente a fala da entrevistada por meio de um roteiro de perguntas sem, no entanto, impedir que a respondente possa narrar outros fatos que julgar interessante dentro do assunto. Essa técnica permite que, durante a entrevista, a pesquisadora possa modificar a ordem das perguntas ou fazer outras de acordo com o andamento da entrevista (LÜDKE; ANDRÉ p.34).

Para este trabalho, foi elaborado um roteiro que é composto por um fio condutor – Projetos de Trabalho – , tema central desse Trabalho de Conclusão de Curso. Neste roteiro, foram organizadas quatorze perguntas (Apêndice I) que têm como objetivo coletar elementos com o propósito de analisar a compreensão das entrevistadas sobre os Projetos de Trabalho e também sobre a organização do fazer pedagógico no seu cotidiano escolar.

As entrevistas foram realizadas de forma individual e aconteceram durante o horário das disciplinas especializadas em um espaço cedido pelas escolas onde atuam as professoras. Cada entrevista teve duração de 40 a 50 minutos. Na escola EI¹, as entrevistas foram realizadas na sala de reuniões da escola, já na escola EF² a aplicação das entrevistas aconteceram na brinquedoteca da instituição.

Saliento que as falas das professoras foram gravadas mediante a autorização, pois esse estudo segue os princípios da ética em pesquisa. Os sujeitos participantes das entrevistas receberam um termo de consentimento livre e

¹ A fim de resguardar a identidade das duas escolas colaboradoras, quando mencionadas, utilizarei nomes fictícios: EI em referência à escola de educação infantil.

² EF em referência à escola de ensino fundamental.

esclarecido para a realização da pesquisa (Apêndice II). Minha conduta durante a pesquisa deu-se de forma investigativa nunca pejorativa ou de enfrentamento frente às respostas obtidas. Procurei proceder de maneira natural durante as entrevistas, criando um clima de descontração, sem que houvesse hierarquia entre entrevistada e entrevistadora. Dessa forma, as entrevistas fluíram como se em uma conversa informal, estabelecendo, assim, a reciprocidade entre perguntas e respostas. Saliento que os nomes das entrevistadas serão mantidos em sigilo, assim como a identidade da escola em que atuam, por isso, os nomes utilizados neste trabalho serão fictícios.

A fim de auxiliar a interpretar as respostas das professoras entrevistadas, utilizei também, como material empírico, os planos dos projetos de trabalho elaborados pelas educadoras que foram desenvolvidos em suas respectivas turmas no decorrer do primeiro semestre de 2017. Para o estudo deste material, me apoiarei na proposta metodológica da análise documental. Lüdke e André (1986, p.38) explicam que a análise documental “pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, [como neste caso, complementando as informações obtidas nas entrevistas], seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. As autoras apontam alguns benefícios na utilização de documentos em pesquisa, sendo eles “[...] uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas as evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador [...]” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.39), ainda, dispõem de um baixo custo, pois só depende do investimento de tempo e dedicação do pesquisador. Além disso, os documentos de pesquisa apresentam muitos elementos referentes ao contexto do objeto estudado. Portanto, a análise documental, considerando os planos das professoras como documentos, foi pensada de modo intencional para complementar as entrevistas realizadas, pois acredito que aliar a análise dos planos às entrevistas, favoreça a compreensão de como as professoras sistematizam o trabalho por projetos e também para complementar e comparar as informações obtidas nas entrevistas.

Nesse sentido, minha pesquisa tem como objetivo compreender o que entendem as professoras entrevistadas a respeito dos Projetos de Trabalho, com o intuito de entender em que medida tais concepções se aproximam dos estudos e pesquisas sobre o assunto.

2.1 Apresentando o campo de pesquisa

Nesta seção, apresento brevemente como foram selecionadas as escolas e como transcorreu cada entrevista com as professoras investigadas.

A escolha das escolas não se deu de forma aleatória, busquei investigar as que afirmaram abordar em sua metodologia os Projetos de Trabalho. A seleção das escolas foi um trabalho árduo, pois as instituições que trabalham com essa proposta de ensino, na sua grande maioria, são privadas e possuem uma série restrições e questões burocráticas, as quais, infelizmente, muitas vezes acabam impedindo a entrada do pesquisador. Durante a procura, fui acolhida por duas escolas de classe média/alta da rede privada de ensino de Porto Alegre, que abriram suas portas para que eu pudesse conhecer o trabalho desenvolvido pelas professoras em suas respectivas turmas. A ideia de realizar a pesquisa em instituições distintas teve como propósito coletar uma variedade maior de dados a fim de realizar uma análise mais consistente sobre o tema deste estudo.

Em vista disso, optei por entrevistar duas professoras de cada escola, que atuam em diferentes níveis de ensino. A escola EI trabalha com a proposta dos Projetos de Trabalho na etapa de 0 a 5 anos, ou seja, na Educação infantil. A coordenação pedagógica dessa instituição sugeriu que eu realizasse as entrevistas com a professora Tatiana (Maternal II) e com professora Sabrina (Jardim B).

Já na instituição EF, a organização do ensino por Projetos de Trabalho, segundo a coordenadora pedagógica da escola, é realizada na etapa do Ensino Fundamental. Nessa instituição, as entrevistas foram realizadas com a professora Eliane – atuante no terceiro ano do Ensino Fundamental – e com a professora Mirela – docente do quinto ano do Ensino Fundamental.

Saliento que as professoras foram questionadas se concordavam em participar desta pesquisa e que, em nenhum momento, as escolas impuseram tal participação.

2.2 As entrevistadas

Sabrina possui trinta e nove anos, atua como professora na escola EI há oito meses com uma turma de Jardim. Ela possui formação em magistério pelo Instituto de Educação, graduação em pedagogia pela IERGS e, também, um curso de especialização em Arteterapia pela mesma instituição. Relata que sua trajetória como docente completará dezoito anos no final do mês de maio. Durante esse período, já passou pelas diferentes etapas do ensino, porém confessa gostar de atuar mais nos anos iniciais do ensino fundamental. Conta que se tornou professora devido à influência da mãe, que era professora de catequese quando ela ainda era pequena e, por vivenciar aquela prática, interessou-se pela profissão.

Minha entrevista com ela foi realizada na sala de reuniões da escola e teve duração de aproximadamente 50 minutos. No decorrer da entrevista, a professora demonstrou-se desenvolta, expondo com bastante clareza tudo que lhe foi questionado, demonstrando estar feliz em poder relatar um pouco sobre seu trabalho e trajetória como professora.

A entrevistada Tatiana tem 30 anos, atua na docência há quatro anos na escola EI com turmas de educação infantil com alunos entre três e quatro anos de idade. Possui formação em magistério pelo Instituto de Educação e está cursando o sexto semestre em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Relata que sempre se interessou pela área de gestão escolar na qual trabalhou por oito anos, porém surgiu a necessidade de ter mais experiência em sala de aula para aprimorar seu trabalho como orientadora educacional. Para poder ajudar as professoras em suas dificuldades, precisava compreender e, igualmente, vivenciar o cotidiano em que elas estavam para, assim, tentar solucionar os problemas. Diz que não teve influência externa quando resolveu optar pela profissão; escolheu ser professora por achar um ofício digno e de extremo valor e importância para a sociedade. A entrevista teve duração de 40 minutos, e foi bastante produtiva no quesito dos detalhes relatados por ela. Por já nos conhecermos, nossa conversa deu-se de forma descontraída e leve.

Eliane possui 54 anos, atua como professora na escola EF há dez anos, sempre com docência em turmas do ensino fundamental. Hoje a professora ministra aulas em uma turma de terceiro ano do ensino fundamental. Ela possui formação em

magistério pelo Instituto de Educação e expõe que, mesmo não tendo uma graduação, busca estar sempre se reciclando por intermédio de cursos de pequena duração. Relata que desde pequena era muito sonhadora e idealista. Percebeu, quando jovem, que tinha uma capacidade de explicar as coisas de acordo com o que a pessoa precisava. Foi através do “dom” que tem para ensinar que diz ter escolhido a profissão.

A entrevista com a professora foi realizada na brinquedoteca da escola e teve duração de 45 minutos. No início da entrevista, demonstrou estar bastante nervosa e preocupada com o que eu iria perguntar a ela. Nesse momento, enfatizei que se tratava de uma pesquisa de uso exclusivo ao meu trabalho de conclusão de curso e o seu relato tinha o intuito de me ensinar. A partir desse esclarecimento, a docente ficou mais à vontade para responder às minhas perguntas e, por consequência, nossa conversa tornou-se mais fluida e tranquila.

A entrevistada Mirian possui 33 anos, atua como docente na escola EF há três anos, lecionando em turmas de quarto e quinto ano do ensino fundamental estando, neste ano, trabalhando com uma turma de quinto ano. Ela tem formação em Pedagogia pela Ulbra, relata que atua como docente há nove anos, sete deles como professora de educação infantil, e foi na instituição EF que teve a oportunidade de lecionar em turmas do ensino fundamental. Diz que se tornou professora pela influência de seus pais, ambos educadores: o pai, professor de Matemática; a mãe, de Língua Portuguesa. Foi essa paixão dos pais pela docência que a motivou a se tornar professora, e diz não querer ter outra profissão além dessa. A entrevista teve duração de 45 minutos, foi bastante tranquila e sem interrupções.

3 OS PROJETOS DE TRABALHO NA VISÃO DAS PROFESSORAS

Neste capítulo, abordarei os conceitos de Projetos de Trabalho na visão das professoras entrevistadas. Tais análises foram realizadas a partir das narrativas das docentes durante as entrevistas, tendo como foco esta proposta de ensino. Para verificar o que essas professoras compreendem a respeito dos Projetos de Trabalho, durante a conversa foi feita a seguinte questão: *Em relação aos projetos? Qual a sua opinião sobre essa forma de organização do ensino?*

Sabrina:³ Eu acho que os Projetos de Trabalho vêm no sentido de nos dar um norte, de a gente planejar de acordo com as necessidades da turma, do que os alunos apresentam estar sedentos em aprender. Porque eles querem aprender de tudo um pouco e ***nós professoras precisamos dar um foco. Então, eu acho que o projeto serve para isso, para a gente ter um norteador e a partir dele, vamos indo para todos os lados***, tentando globalizar os conteúdos para tentar suprir as necessidades apresentadas pela turma (Professora Jardim B, Educação Infantil, 16/05/2017).

Tatiana: Eu acho muito bom trabalhar com os projetos, porque conseguimos observar o ***que aparentemente chamou mais atenção das crianças se unir com o que nós professoras acreditamos que a turma necessita*** para assim ***nos guiar*** na elaboração dos nossos planejamentos e atingir os objetivos exigidos pela escola (Professora Maternal, 16/05/2017).

As falas das professoras nos dão a entender que os Projetos de Trabalho têm como objetivo guiar o professor durante a elaboração dos planejamentos. As educadoras dizem escolher a direção que o projeto vai tomar a partir dos interesses apresentados pelos alunos. Pode-se apreender dessas falas que as professoras se apropriam dos interesses dos alunos e a eles agregam os conteúdos e objetivos. Ao mesmo tempo, os conteúdos também precisam ser trabalhados para suprir as necessidades da turma. Isso parece evidente, no relato da professora Sabrina, quando refere que “as crianças querem aprender de tudo um pouco”. Nesse caso, ela está se referindo às temáticas de interesse das crianças, mas é o professor que

³Todos os excertos das entrevistas com as professoras serão apresentados dentro de caixas de texto.

tem o papel de enxergar as possibilidades e direcionar o estudo, agregando os conteúdos e objetivos necessários para as aprendizagens do ano.

Nessa direção, pode-se inferir que a proposta se coaduna com o que ensinam Hernández e Ventura (1998) quando indicam que o papel do professor é de extrema importância ao desenvolver o trabalho na perspectiva dos Projetos de Trabalho. Ao docente cabe atuar como guia do processo mediante o diálogo e a escuta atenta, pois o educador vai direcionando e apontando os diferentes caminhos que os alunos têm à disposição. Para isso, no entanto, faz-se necessário que o educador estude a temática, vendo as possibilidades de articular as informações que estão presentes no tema, com o intuito de relacionar as aprendizagens com as diferentes áreas do conhecimento. A partir desse diagnóstico, o docente tem condições de planejar e organizar as estratégias e materiais que serão utilizados no decorrer do estudo para que as aprendizagens sejam constituídas de forma significativa. As propostas de trabalho devem levar em consideração o que as crianças já sabem sobre o assunto em discussão, para que o professor adapte as atividades planejadas, bem como os materiais e recursos que poderão dar suporte às aprendizagens.

Quando a educadora Sabrina diz “vamos indo para todos os lados”, eu a questiono: “O que você quer dizer com isso?” Ela explica que dentro do tema “Jardim dos Valores”, projeto da turma que está em andamento no momento, é escolhido um livro que aborde algum tipo de valor que será trabalhado. Ela explica:

Sabrina: Essa semana, estamos trabalhando o livro. “O bolo do lobo”, que traz a questão da solidariedade e do respeito. Então, a partir do livro, a gente trabalha a questão do valor que está sendo apresentado na história e também outras questões como as quantidades quando fizemos o bolo no refeitório; o habitat em que vivem os lobos, os tipos de lobos; porque o lobo é considerado mau; a linguagem oral quando eles elaboraram uma carta para o lobo; a escrita na questão do desenho, entre outras coisas que vão surgindo (Professora Jardim B, Educação Infantil, 16/05/2017).

Em relação à professora Tatiana, quando solicitei que me explicasse como fazia a organização do projeto, expôs que também organiza as ações que serão realizadas em sala de aula a partir da literatura infantil que abranja o tema de interesse das crianças.

Tatiana: Na minha turma, eu utilizo alguns livros referentes à temática escolhida para dar sequência no projeto. Eles servem como fio condutor no nosso trabalho, porque, a partir da história, eu vou vendo as possibilidades de se trabalhar as diferentes áreas do conhecimento e os objetivos que preciso dar conta durante o ano (Professora Maternal, 16/05/2017).

Nota-se, pelas narrativas, que as duas professoras utilizaram-se de um gênero textual como mote para desenvolver os projetos, indo na direção das propostas de organização dos Projetos Didáticos, defendidos nos cadernos de formação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), em que um dos princípios dessa proposta é de que a organização dos projetos tenha como ponto de partida um gênero textual. São nomeados como Projetos Didáticos porque têm como objetivo de didatizar o gênero textual ensinado/aprendido, transformando o texto em uma possibilidade pedagógica a partir de uma temática que o professor pretenda desenvolver com seus alunos. Conforme com o Pacto Nacional pela Alfabetização da Idade Certa (PNAIC), para “que os gêneros textuais entrem na escola, é preciso passar por uma transposição didática, de tal modo que eles possam ser didatizados”. (Brasil, ano 3, Unidade 6, 2012, p.5),

Dado que, independentemente da área de conhecimento a que está vinculada o estudo, “a leitura de diferentes gêneros faz parte de qualquer projeto didático [projetos pedagógicos ou projetos de trabalho]” (PNAIC, 2012, ano 1, un. 06, p.14). Uma vez que os alunos precisam ler textos para apropriarem-se do assunto que está sendo estudado. Além de apreenderem sobre o tema, essa prática promove o letramento e favorece a apropriação do sistema de escrita alfabética.

Ao que pareceu nas entrevistas, a escolha da temática de estudo dos projetos parte das professoras sem haver a participação dos alunos na escolha do tema de estudo ou estratégias para a execução do trabalho. As educadoras utilizam como estratégia pedagógica um gênero textual, a partir do qual procuram organizar um trabalho interdisciplinar, buscando fazer conexões entre as informações contidas nas histórias com os conteúdos que precisam ser trabalhados. Hernández e Ventura (1998), no entanto, expõem que essa organização interdisciplinar é vista de forma limitada, pois a sistematização das informações parte de uma visão disciplinar, porque são os professores os responsáveis por organizar e apresentar os conhecimentos presentes em torno do tema aos alunos. Nisso, espera-se que os

educandos estabeleçam relações entre os diferentes conteúdos; porém, as informações que são passadas a eles se dão de forma fragmentada, não havendo relações entre os diferentes conhecimentos. Sendo assim, mesmo que o professor tente que os alunos façam inferências sobre os diferentes conteúdos, eles ainda terão a sensação de receber informações de diferentes ângulos disciplinares abordados sob um mesmo tema e, com isso, o ensino continua sendo dado por um somatório de informações, pois, toda a organização referente ao estudo foi pensada somente pelos professores.

Nesse sentido, para que os alunos estabeleçam relações entre os diferentes saberes, é preciso que o professor escolha junto com eles o tema de estudo, a questão-problema e as estratégias que poderão ser realizadas para a execução do projeto e promoção das atividades. Sempre se deve explicar aos educandos o que eles irão aprender e ouvir o que eles sabem a respeito do assunto que será estudado, para, assim, organizar estratégias que permitam aos alunos estabelecerem relação entre os conhecimentos que já possuem com as novas informações apresentadas. Os conhecimentos prévios facilitam relações com o que está sendo estudando, articulando os saberes que ali estão envolvidos e, com isso, tornando a aprendizagem significativa e com sentido. Essa ideia corrobora a opinião de Coll (1986) apud Hernandez e Ventura (1998) sobre a aprendizagem,

As pessoas estabelecem conexões a partir dos conhecimentos que já possuem, e sua aprendizagem, não procede por acumulação, e sim pelo estabelecimento de relação entre as diferentes fontes e procedimentos para abordar a informação (HERNANDEZ; VENTURA, 1998, p. 57).

Portanto, a aprendizagem não se dá a partir de um viés cumulativo diante da memorização de conteúdos e conceitos sobre um mesmo tema, mas sim a partir das interpretações, das conexões que os alunos fazem com base nos seus conhecimentos iniciais relacionados à temática de estudo. Posto isso, ao se organizar o ensino por projetos, não precisa-se necessariamente que todos os conhecimentos estejam interligados de antemão tendo em vista que os conceitos são relacionados à medida que as informações vão surgindo no decorrer do estudo.

Acredito que essa prática proporcione a ampliação no desenvolvimento das diferentes competências, rompendo com uma crítica feita a muitos professores que dizem trabalhar com projetos, mas que não conseguem agregar os conteúdos de ensino ao planejamento. Geralmente têm como referência apenas a temática escolhida, focando na realização de atividades divertidas e interessantes, mas que não avançam em termos de conteúdos e objetivos.

Seguindo nessa linha, a professora Eliane expõe que entende que Projetos de Trabalho são uma forma de organizar o ensino a partir dos interesses dos alunos, baseada no conhecimento prévio que eles possuem sobre o tema a ser estudado; porém, enfatiza que na instituição em que trabalha não é realizado dessa forma.

Eliane: A escolha do nosso projeto se deu porque a escola pediu que eu trabalhasse com a temática Porto Alegre, e é o que eu tenho feito ao longo dos anos, pois como esse material [livro didático adotado pela escola] é longo e não contempla nada do nosso município, a coordenação pedagógica solicitou que eu fizesse um projeto relacionado a isso. Nesse caso, os projetos não são em torno de um tema gerador que existia antigamente na década de noventa, centro de interesse, que partiam do interesse dos alunos, com os grupos o qual havia votação de forma democrática para escolher o tema de estudo, não é isso. Hoje as crianças não escolhem, os projetos vêm para contemplar alguns objetivos que estão na grade curricular (Professora do terceiro ano do Ensino Fundamental, 18/05/2017).

Mirian: Os Projetos de Trabalho vêm para somar em nossa prática pedagógica, os projetos vêm para agregar, por isso eles devem ser bem elaborados e bem conduzidos com culminância. Assim, os alunos conseguem aprender de maneira aprofundada os conteúdos (Professora do quinto ano ensino fundamental, 18/05/2017).

Podemos compreender pelo relato de Eliane, que a escola solicita que se aprofunde uma determinada temática porque o material didático escolhido pela instituição para ser utilizado durante as aulas não contempla todo o seu programa curricular. O projeto, nesse caso, é pensado e criado pela escola para suprir uma necessidade específica que é da grade curricular da escola. Desse modo, podemos questionar se, efetivamente, a escola desenvolva as atividades (ou tem a intenção de trabalhá-las) a partir dos Projetos de Trabalho do modo como defendem os autores aqui apresentados. Pode ser que também as execute a partir de uma noção dicionarizada de projeto como: uma ideiação, um traçado, um plano, uma intenção,

um empreendimento; sem compreender uma forma de organização e uma proposta pedagógica peculiar atrelada a um determinado referencial teórico. Ambas as propostas são válidas, por isso não representam um problema tendo em vista que o importante é a clareza quanto ao compromisso assumido. Miriam diz que a ferramenta Projetos de Trabalho vem para ajudar o professor a pensar e elaborar atividades que contemplem os conteúdos. Parece-me que a professora não possui clareza sobre os conceitos referentes a essa proposta de ensino, pois, durante a sua narrativa, precisei reformular as minhas perguntas para tentar compreendê-la. Perguntei-lhe como elaborava e conduzia as atividades dentro da proposta de projetos e ela deu o exemplo do projeto de ciências relacionado aos tipos de energia. Explicou que foram separados quatro grupos correspondentes aos tipos de energia estudados: elétrica, eólica, nuclear e atômica. Cada grupo ficou responsável por pesquisar e apresentar os dados encontrados sobre o estudo. Questionei se o tema foi escolhido pelas crianças e a professora disse que não, pois é um conteúdo obrigatório da grade curricular do quinto ano e é preciso dar conta.

Aparentemente, as professoras Eliane e Miriam dão a entender que utilizam os projetos como uma ferramenta para estudar conteúdos específicos exigidos pela escola, uma vez que, ao que parece, as educadoras planejam toda a ação que será realizada no projeto, não havendo nenhum tipo de participação das crianças na elaboração dos planos. Nesse caso, não podemos afirmar que as propostas pedagógicas dessas professoras caracterizam-se como Projetos de Trabalho conforme defendem os autores presentes neste trabalho uma vez, que nesta proposta a organização dos projetos surge a partir de uma situação-problema ou de uma pergunta presente em uma temática de estudo, proposta pelos alunos ou pela professora.

A construção dos projetos dá-se de forma coletiva, envolvendo tanto a participação das crianças, quanto a do professor. A elaboração ocorre de modo gradativo, na medida em que as decisões e os encaminhamentos vêm à tona, diante das motivações da turma, dos materiais utilizados e dos recursos disponíveis para realização do estudo. Hernández e Ventura (1998), por isso, sugerem que, após a escolha do tema de estudo e do problema de pesquisa, uma das primeiras atividades a ser realizada em conjunto com as crianças, relacionada aos projetos, é a construção de um índice. Nenhuma das professoras entrevistadas, no entanto,

expôs, em suas narrativas ou em seus planos dos projetos, a construção de um índice.

Os autores consideram que a construção do índice é uma estratégia de suma importância, pois ele tem como propósito organizar e planejar o processo de execução do projeto. Nele, são registradas as propostas de estudos relacionados ao tema, os recursos que serão necessários para a realização das aprendizagens, e as informações que as crianças já sabem sobre o assunto e novas que serão agregadas. Somente após esse levantamento, podem ser sistematizadas as ações da turma frente ao estudo, assim como os conteúdos relacionados ao tema.

Esse índice, “é utilizado como ponto de partida na organização das atividades, podendo ser usado como avaliação diagnóstica, assim como, parâmetro para avaliação final do projeto” (BARBOSA; HORN, 2008, p.56). A avaliação das aprendizagens é realizada durante toda a execução do projeto, com base nas descobertas feitas sobre o que foi proposto e o que foi realizado. Nesse caso, o índice pode contribuir para o processo de avaliação, porque possibilita comparar o início das aprendizagens e os avanços que foram sendo constituídos a partir do estudo.

Por intermédio das narrativas das professoras, pode-se deduzir que as educadoras tangenciam a proposta original dos Projetos de Trabalho, uma vez que elas não executam efetivamente a proposta. Questiono se seria possível dizer que as propostas pedagógicas realizadas pelas professoras Sabrina e Tatiana utilizam-se de princípios de um trabalho organizado na perspectiva dos projetos didáticos tendo em vista que as educadoras tentam organizar os seus trabalhos de forma interdisciplinar, baseando-se em um gênero textual e dele tentam fazer conexões entre o tema de estudo e as diferentes áreas do conhecimento.

Nesse sentido, Nogueira (2009) salienta que os Projetos de Trabalho vêm sendo tratados com certo reducionismo, pois várias escolas dizem trabalhar com essa proposta de ensino, porém desconhecem os princípios em torno dessa prática. Por conta disso, limitam as práticas em sala de aula, restringindo os projetos a pequenas atividades, as quais se dão de forma isolada, fragmentada, em que a tarefa de pesquisa resume-se na cópia sobre um determinado tema que é entregue ao professor e a atividade de culminância resume-se à produção de cartazes que

são expostos pelos corredores da escola. Nesses casos, comumente, as atividades acontecem de forma cumulativa mediante a memorização de conceitos e não de forma sequenciada, partindo da relação entre diferentes fontes de informação a fim de aprofundar os conhecimentos e integrá-los a outros campos do saber.

3.1 A organização do trabalho – participação das crianças

Nesta seção, analiso a organização dos planos relacionados aos projetos. Neles, observo como se deu a escolha do tema, se o estudo tem como base uma pergunta de pesquisa ou problema a ser respondido, se os objetivos propostos são atingíveis ou não, se a descrição das estratégias e conteúdos que serão trabalhados é exposta de forma clara para, assim, verificar se o plano está em consonância com a proposta com a qual se compromete.

Saliento que não foi possível analisar o plano da professora Miriam, uma vez que sua redação não compõe os aspectos necessários para as análises, considerando que estou interessada na organização dos projetos de trabalho realizados pela docente. Por esse motivo, abaixo apresento somente três planos, que estão em desenvolvimento nas turmas entre o período de abril a julho de 2017. Nos recortes dos planos, apresento temáticas de estudo, os objetivos e os argumentos que justificam as escolhas das temáticas.

Professora Sabrina. Temática: Valores.

Justificativa relatada durante a entrevista: “A turma demonstra algumas dificuldades de convivência e, por conta disso, fez-se necessário realizar um trabalho com resgate de valores que possibilitará a formação integral de nossos alunos”.

Objetivo: Contribuir com a formação moral da criança. A educação do espírito e da mente para o bem, envolve diversos aspectos, como regras e preceitos, o que se deve e o que não se deve fazer no convívio com o outro. Envolve a prática reiterada dos bons hábitos (Plano de estudo, Jardim B–Educação Infantil).

Professora Tatiana. Temática: Diversidade e Convivência.

Justificativa retirada do documento analisado: “O egocentrismo é uma característica da faixa etária que se encontra no maternal II. Pensado nisso, juntamente, com as observações realizadas durante a sondagem da turma, construímos um projeto direcionado às especificidades das crianças, *abrangendo a diversidade e a necessidade de trabalhar regras básicas de convivência*”.

Objetivo: “Reconhecer e valorizar as diversidades, a partir de um processo de conhecimento e respeito das identidades culturais, com o intuito de resgatar e

fomentar atitudes individuais e coletivas contra o preconceito e a favor do respeito às diferenças, para que cada criança possa ampliar sua capacidade de expressão” (Plano de estudo, Maternal II– Educação Infantil).

Professora Eliane. Temática: Porto Alegre.

Justificativa relatada pela professora na entrevista: “Essa temática foi proposta pela escola, pois, *o livro didático em que o nosso trabalho é direcionado não contempla nada do nosso município*”.

Objetivo: Conhecer a história de Porto Alegre e seus aspectos geográficos, políticos e sociais de forma crítica, levando o aluno a perceber que faz parte de uma sociedade e que necessita assumir o papel de cidadão, dentro de seu contexto e idade (Plano de estudo, turma 31, terceiro ano – Ensino Fundamental).

Atentando para as narrativas e aos documentos apresentados pelas professoras, notei que a professora Sabrina propõe a temática de trabalho *valores*, por que seus alunos, segundo ela, apresentarem “problemas de relacionamento”. Para resolver essa questão, a educadora tem como objetivo “contribuir para a formação moral das crianças com o intuito de que elas aprendam a respeitar, a escutar o outro, a serem tolerantes, a se desenvolver como um ser humano harmonioso” (excertos dos planos dos projetos). Visto que é uma turma de educação infantil, a escolha do tema parte da observação da professora sobre os interesses que a turma está apresentando. Nesse caso, o projeto foi proposto pela docente para solucionar um problema de relacionamento manifestado na turma, entretanto o interesse pelo tema é da professora, pois crianças tão pequenas não se dão conta de que estão tendo “problemas de relacionamento”.

Para atingir o objetivo de “contribuir com a formação moral da criança”, a educadora descreve brevemente alguns recursos que serão utilizados durante o projeto, conforme exposto a baixo:

Leitura de textos informativos; fábulas envolvendo os valores; assistir ao filme “A era do gelo”; conversas informais; realização de dinâmicas; confecções de murais e cartazes sobre os valores (excertos planos dos projetos professora Sabrina).

No entanto, a descrição de como serão realizadas tais estratégias não está clara e, por conta disso, não é possível identificar se a professora realiza um trabalho interdisciplinar abordando as diferentes áreas do conhecimento como expõe

em sua narrativa durante a entrevista. Do modo como está exposto, entende-se que as aprendizagens são focalizadas somente na questão do ensino de valores. A atividade de culminância e a avaliação do projeto não estão descritas no plano de estudo; porém, na descrição dos métodos utilizados está escrito “produção de cartazes e murais”. Penso que talvez esses cartazes sejam produzidos para expor à comunidade escolar as aprendizagens construídas referentes ao estudo.

A professora Tatiana desenvolve um trabalho voltado às características da faixa etária de sua turma e em sua justificativa alega que o tema “diversidade e convivência” foi escolhido para desenvolver a questão de regras de convivência que precisam ser seguidas. A educadora, então, propôs uma atividade envolvendo a questão da diversidade, para que as crianças reconheçam as diferenças e respeitem a todos com o intuito de promover atitudes contra o preconceito. No entanto, em seu plano não está explicitado como será realizada essa prática, tendo em vista que a educadora expõe somente as aprendizagens que precisam ser alcançadas pelas crianças em cada área do conhecimento sem estabelecer relação com a temática do projeto. Na sequência, apresento um recorte relacionado às aprendizagens de Matemática elaboradas pela professora para a turma de Maternal II;

Quantificar até cinco; contar até 20; relacionar a grafia ao número. Ampliar conhecimento sobre: maior/menor; igual/diferente; grande/pequeno. Conhecer formas geométricas: quadrado, círculo, triângulo e retângulo. Desenvolver relações espaciais; Posição: embaixo/em cima; dentro/fora (Excerto dos planos dos projetos professora Tatiana).

Nesse sentido, penso que o plano do projeto está em dissonância com a proposta, pois o modo como está organizado, não possibilita verificar se os objetivos relacionados à temática serão atingidos, uma vez que as estratégias não são descritas. Ao mesmo tempo, a descrição das aprendizagens que deverão ser construídas não aborda questões relacionadas à temática.

O projeto proposto pela professora Eliane tem como temática de estudo o município de Porto Alegre, tema escolhido por conta de o material didático utilizado pela escola não abranger a questão geográfica uma vez que é considerado importante as crianças conhecerem a cidade na qual residem. Sendo assim, o projeto tem como objetivo “conhecer a história de Porto Alegre seus aspectos

geográficos, políticos e sociais de forma crítica, levando o aluno a perceber que faz parte de uma sociedade e que necessita assumir o papel de cidadão, dentro de seu contexto e idade”.

Ao analisar o plano dos projetos elaborado pela professora, é possível verificar que a docente organiza as aprendizagens voltadas aos conhecimentos históricos e geográficos. Pode-se dizer que a educadora faz um levantamento das aprendizagens que poderão ser abordadas no tema, levando em consideração essas duas áreas do conhecimento, porque ela descreve os aspectos que vai abordar em cada área de estudo. Abaixo, apresento tal organização;

“Transformações do espaço urbano – construção do viaduto da Otávio Rocha, criação de parques, aterro do lago Guaíba”; Aspectos Culturais– (escritores, músicos, pontos turísticos); Açorianos–(cultura, de onde vieram, o que fizeram) (Excertos do planejamento dos projetos professora Eliane).

No entanto, assim como as outras professoras, ela também não informa como serão desenvolvidas as estratégias, somente descreve de forma sucinta os recursos que serão utilizados para a realização do estudo: documentários, fotografias, leitura de informações, passeio a museus e pesquisas. A professora Eliane é a única que descreve a atividade de culminância do projeto, que será a construção e a exposição de um almanaque que será composto pelas atividades realizadas no decorrer do projeto.

A atividade de culminância, pensada pela Professora Eliane, vai ao encontro do que ensinam Hernandez e Ventura (1998), prescrevendo que, após a realização do estudo, faz-se necessário organizar um dossiê a fim de registrar as aprendizagens construídas no decorrer do projeto. A culminância pode ser feita a partir de uma exposição do material organizado, que as crianças apresentam para a comunidade escolar, a proposta do estudo, os recursos que foram utilizados, as descobertas que foram feitas com a pesquisa. Não existe, no entanto, um modelo a ser seguido porque é um trabalho coletivo que representa o estudo realizado pelos alunos e seus educadores em que juntos decidiram o trajeto que seria desempenhado para execução do projeto.

Ao examinar os planos de organização e sistematização dos projetos, pude constatar que somente duas das três professoras entrevistadas elaboram um documento que contém o tema escolhido, os objetivos gerais e específicos, a

justificativa de escolha do tema e os possíveis recursos que serão utilizados no decorrer do processo de ensino; porém, nenhuma das propostas apresenta uma pergunta ou problema a ser respondido. E apenas uma professora apresenta a atividade de culminância do projeto e o levantamento dos possíveis conteúdos que poderão ser abordadas com o estudo, porém ela se restringe aos conhecimentos de História e Geografia, não levando em consideração as outras áreas do conhecimento na elaboração de seu plano.

De acordo com Hernandez e Ventura (1998, p.101), após a escolha do tema, é indicado construir um índice em cooperação com os alunos, o qual é muito importante uma vez que ele auxilia a professora a identificar o que as crianças “sabem” sobre o tema e o que “querem aprender”. Após a elaboração do índice, o papel da professora é dar sentido funcional ao projeto, elencando os critérios para a realização do estudo, os conteúdos relacionados às diferentes áreas do conhecimento que poderão ser aprendidos, articulados aos objetivos que precisam ser alcançados. Para tanto, faz-se necessário elencar, coletar e selecionar os procedimentos e materiais que serão necessários para a realização do estudo. Porém, na sistematização dos planos de estudo elaborados pelas professoras, ao que parece, os projetos não foram construídos em parceria com os alunos como algumas professoras relataram durante as entrevistas, mas sim, selecionando temas ou conteúdos que julgavam necessários à turma.

Vejo a preocupação das professoras Samanta e Tatiana em desenvolver um trabalho relacionado à ordem moral das crianças, porém, penso que essas questões poderiam ser abordadas de uma maneira mais atrativa, dentro de uma temática de escolha dos discentes. Hernandez (1998) salienta que uma proposta curricular fundamentada no interesse dos educandos tem como consequência um maior entusiasmo dos alunos em aprender, do que em propostas elaboradas, exclusivamente, por especialistas. O trabalho realizado por essas professoras vai de encontro às ideias dos autores, pois nesses casos todas as ações que serão executadas nos projetos são pensadas e elaboradas pelas professoras. Em nenhum momento é citado no plano do projeto o interesse ou a participação das crianças no processo.

No intuito de compreender o engajamento das crianças no desenvolvimento dos projetos, durante as entrevistas, perguntei como se dava a participação das

crianças no desenvolvimento do projeto, tendo em vista que essa é uma característica importante no trabalho realizado dentro da concepção da proposta de ensino denominada de Projetos de Trabalho.

Sabrina: Eu **sempre levo em consideração o que os alunos trazem na roda de conversas** pelo simples fato de que, se eu não der importância ao que eles me trouxeram, para eles não vai fazer diferença eles opinarem ou não (Professora Jardim B, 16/05/2017).

Tatiana: A participação das crianças **acontece principalmente através de conversas**, em roda, pois na maioria das vezes, **eles trazem informações que contribuem com o assunto que está sendo estudado, e que é trazido naquele momento pelo professor**. Eles também participam através da realização das atividades (Professora Maternal II, 16/05/2017).

Eliane: A minha aula é feita em forma de seminário e os alunos participam mesmo. **Eu nunca dispenso aquilo que eles trazem e nisso nós acrescentamos as coisas, pois eles precisam ir além do conhecimento prévio se não, não precisaria do professor, né?** As crianças fazem associações fantásticas, e se o professor não souber perguntar ele não irá descobrir o quanto as crianças são adiantadas (Professora 3º ano).

Mirian: Eu **debato muito com meus alunos**, porque **eles sempre trazem algum conhecimento sobre o assunto estudado** e isso precisa ser agregado de alguma forma no grupo, tanto no ato de pesquisar como no de produzir os materiais (Professora 5º ano).

Nos relatos apresentados pelas professoras, todas dizem que seus alunos atuam nos projetos participando de forma oral durante as rodas de conversas, quando debatem sobre o assunto que está sendo explorado. No entanto, vejo que a participação dos alunos resume-se a comentar ou conversar sobre o assunto estudado em propostas trazidas pela professora. Entretanto, essa prática contraria os princípios dos Projetos de Trabalho em que a participação das crianças deve ser ativa durante todo o processo de construção e execução do projeto, pois elas ajudam na escolha do tema, buscam informações, sugerem conteúdos relacionados, fazem proposição de atividades; contribuem para a organização do índice elencando o que elas gostariam de aprender, selecionam materiais sobre o assunto estudado, discutindo e argumentando a relevância deles para o estudo e as formas de se utilizar tais recursos; fazem combinações para o funcionamento e organização do espaço e do tempo. É através da valorização das ações dos alunos que se vai

construído um projeto, pois, “todo o processo deve ser decidido, construído e avaliado de forma cooperativa entre alunos e professores” (JOLIBERT 1994, p.21).

Pode-se dizer que o trabalho realizado por essas professoras está colocando os alunos no papel de coadjuvantes da construção do conhecimento uma vez que as atribuições dos alunos resumem-se apenas em reproduzir as ações solicitadas pelas professoras. Acredito que isso ocorra em função do fato dessas educadoras ainda terem enraizado a ideia de que as crianças não “sabem nada” e que o professor precisa ensinar tudo, atuando como o cerne detentor de todo o conhecimento, uma vez que não percebem ou não se permitem perceber os seus alunos como sujeitos capazes e, por isso, não proporcionam um trabalho em conjunto, de trocas. Ou, ainda, porque entendem que é mesmo função da professora organizar todo o trabalho pedagógico. Nessa lógica, Jolibert (1994) destaca:

Na maior parte do tempo, a pedagogia tradicional, e até a pedagogia dita renovada, envolve o ensino: a atividade essencial é realizada pelo professor, e às crianças só cabem “entender”, “responder” ou “executar as tarefas imaginadas por eles”. Nenhuma exigência ligada a uma situação real: Estamos no campo do fazer de conta, ou em atividades nas quais aprender é a meta e não o meio (JOLIBERT, 1994, p. 13).

Tendo em vista um ensino que coloque o aluno como sujeito participativo engajado no processo, dentro da proposta organizacional dos Projetos de Trabalho, o aluno é visto como parte essencial do desenvolvimento, visto que ele tem a possibilidade de atuar pedagogicamente nas ações que serão realizadas no decorrer do projeto. Penso que são a partir dessas ações que os alunos tornam-se autônomos e ativos no processo de aprendizagem. Diante disso, Jolibert (1994) salienta que, para que as crianças se engajem no seu próprio aprendizado e se tornem sujeitos autônomos, faz-se necessário, que o professor saia do controle das ações, para assim possibilitar que seus alunos sintam-se envolvidos do início ao fim do desenvolvimento do projeto. Dessa maneira, eles aprenderão a organizar e gerenciar o funcionamento do espaço, do tempo e de suas aprendizagens, pois “é vivendo em um meio que é possível agir, no qual é possível com o outro discutir, decidir, realizar e avaliar que são criadas as condições mais favoráveis para o aprendizado” (JOLIBERT, 1994, p.12).

A escola em que atuam as professoras Eliane e Mirian afirma que a proposta pedagógica para o Ensino Fundamental é baseada nos princípios dos Projetos de Trabalho. Conforme exposto no recorte da proposta pedagógica desenvolvida para o Ensino Fundamental divulgada no site da instituição⁴:

Os alunos dos anos iniciais constroem seus conhecimentos através da metodologia de projetos, conquistando a autonomia e interagindo com os demais. Participam de atividades regulares e complementares no ambiente escolar e fora dele embasando a relação entre conhecimentos e valores voltados para uma vida cidadã. A divulgação da aprendizagem é realizada trimestralmente, através de menções.

Ao analisar a narrativa e os planos das professoras dessa escola, entendo que há um descompasso entre o fazer pedagógico realizado em sala de aula e as propostas de ensino divulgadas pela escola. Os relatos das professoras demonstram que seus planejamentos não são elaborados e desenvolvidos a partir da perspectiva dos Projetos de Trabalho (nem mesmo da metodologia de projetos, termo utilizado no site), nem mesmo em uma organização interdisciplinar, dado que o trabalho realizado por essas duas professoras não apresenta nenhuma forma de integração, entre o tema de estudo e as diferentes áreas do conhecimento. Entendo que a partir dessa prática as aprendizagens estão sendo dadas pelo acúmulo de saberes, pois os projetos estão sendo utilizados para trabalhar conteúdos específicos diante de um viés cumulativo de informações e conceitos sobre uma mesma temática. As informações são trazidas pelo educador e não mediante uma sequência de ações que partem dos conhecimentos prévios dos alunos, que juntos constroem gradativamente o conhecimento.

Nesse âmbito, reflito também sobre a prática das professoras Sabrina e Tatiana quanto à organização do trabalho pedagógico por projetos, dado que a sua sistematização na educação infantil é um pouco mais complexa, pois as crianças, geralmente, ainda não falam o que gostariam de estudar. Diante da temática proposta, posso inferir que houve uma observação atenta do grupo quando da

⁴Não farei a referência ao site da instituição, a fim de preservar a identidade da escola.

escolha do tema, pois os dois grupos aparentemente apresentavam problemas de relacionamento constatado pela observação das professoras.

Em vista disso, Barbosa e Horn (2008) destacam que o papel da professora, ao trabalhar com essa faixa etária, é o de oferecer experiências interessantes e concretas às crianças a fim de auxiliá-las na ampliação dos seus conhecimentos a partir do desenvolvimento das diferentes linguagens, motora, visual, escrita e sensorial para, assim, criar um ambiente que estimule as diferentes aprendizagens.

No entanto, como destacado anteriormente, não é possível verificar como é sistematizado o trabalho realizado em sala de aula pelas professoras Sabrina e Tatiana. Nos planos propostos pelas docentes, as descrições das estratégias são expostas de forma sintetizada, dificultando o entendimento de como será abordado o tema de estudo; porém, em seus relatos, elas afirmam organizar as aprendizagens de forma interdisciplinar a partir de um gênero textual.

Sendo assim, diante das análises presentes neste estudo, entendo que nenhuma professora realiza um trabalho que se aproxime completamente dos princípios defendidos pelos autores que versam sobre os Projetos de Trabalho; porém, elas também não se afastam absolutamente dessas ideias, pois as educadoras se apropriam de alguns fragmentos relacionados a essa proposta de ensino. Ao fazer as análises, questão mais problemática encontrada em relação ao trabalho desenvolvido pelas educadoras talvez seja o predomínio do querer das docentes quanto ao tema dos projetos. Essa postura unilateral das professoras, e também das escolas em que elas atuam, dá a ideia de que o professor é o detentor do saber, dificultando a realização de um trabalho organizado na perspectiva dos Projetos de Trabalho. Não podemos nos esquecer de que essa proposta tem como concepção tirar o docente do centro do processo do conhecimento e tem a pretensão de realizar um trabalho organizado junto com as crianças para que cooperem com todas as ações que serão necessárias para se executar o projeto. Somente dessa forma podemos afirmar que os alunos são coautores do seu processo de aprendizagem e o educador o mediador na construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou compreender o entendimento das professoras entrevistadas, atuantes de duas escolas da rede privada de ensino de Porto Alegre, a respeito dos Projetos de Trabalho. Nesse sentido, retomo a questão que norteou esta pesquisa: *O entendimento das professoras sobre Projetos de Trabalho se aproxima dos estudos e pesquisas sobre o assunto? Em que medida?*

O estudo mostrou que algumas professoras entendem os Projetos de Trabalho como sendo uma proposta interdisciplinar, em que os conteúdos são trabalhados dentro de uma temática de estudo, que surge a partir do interesse dos alunos. A proposta elaborada pela professora Sabrina é a que mais se assemelha a um trabalho na perspectiva dos Projetos de Trabalho, pois a educadora organiza sua prática a partir de uma necessidade que foi observada em sua turma. Em seu relato, é possível perceber que a educadora tem a preocupação de elencar recursos que possibilitem a realização de atividades que articulem as diferentes áreas do conhecimento a partir de um planejamento interdisciplinar.

No entanto, se levarmos em consideração os princípios relacionados a essa proposta de ensino – como defendem as ideias dos autores trazidos para balizar este trabalho – podemos inferir que nenhuma professora por mim entrevistada organiza o seu trabalho alicerçado de forma efetiva em torno da perspectiva dos Projetos de Trabalho, pois ao analisar a sistematização dos seus planos, é visto que eles se aproximam em partes, mas não inteiramente da proposta estudada. A prática pedagógica dessa proposta é muito mais complexa do que realizar um ensino que parta da escolha do tema de interesse das crianças e de se realizar um ensino interdisciplinar.

Um trabalho fundamentado nos princípios dos Projetos de Trabalho tem como concepção enxergar o aluno como sujeito ativo, capaz de argumentar, de propor ideias, de executar. As aprendizagens são construídas na medida em que o aluno participa, ajudando a pensar em todas as ações que serão necessárias para se realizar o estudo, desde a proposta do tema, como quando da busca e seleção dos materiais que poderão contribuir para responder a uma pergunta ou a um problema

que seja de interesse comum – estratégias que são pensadas a partir de um processo de colaboração, de cooperação entre alunos e professores. Então, compreendo que o papel do professor é de extrema importância visto que ele é o responsável por mediar o aluno na construção do conhecimento. O primeiro passo é identificar o que os alunos já sabem sobre o assunto, para, doravante, estudar e pesquisar meios que possibilitem a construção de novas aprendizagens sobre tema escolhido. Essa sondagem tem o intuito de elaborar estratégias para sistematizar os conteúdos envolvidos no projeto, a fim de dar forma aos conhecimentos colocados em ação, contribuindo para o fomento de uma aprendizagem viva, participativa.

Penso que por meio dessa prática pedagógica as crianças são colocadas no papel de coautoras do seu processo de aprendizagem. Quando um projeto é pensado e construído somente pelo professor, essa prática vai de encontro aos princípios defendidos pelos autores presentes nesta pesquisa, uma vez que as crianças devem ser colocadas como protagonistas e não como coadjuvantes na construção do conhecimento; porém, nos casos estudados, elas estão apenas executando tarefas predeterminadas pelo educador em torno de um tema em comum.

Contudo, este trabalho me possibilitou refletir sobre a minha prática pedagógica, pois, assim como as professoras entrevistadas, eu também não tinha claros os conceitos que envolviam essa proposta. Uma vez que meus planejamentos eram pensados PARA as crianças e não COM as crianças, hoje vejo que um ensino voltado para os Projetos de Trabalho é muito mais do que levar as informações aos alunos sobre um determinado assunto. Essa proposta pedagógica tem o objetivo de promover um espaço que conduza à investigação, em que o aluno construa o seu conhecimento, participando de forma ativa mediante a participação no planejamento das ações que serão realizadas, contribuindo com sugestões de materiais, livros, passeios, atividades, organização do espaço da sala de aula etc. Acredito que o ensino pautado nos Projetos de Trabalho contribui para a formação de um sujeito que seja capaz de resolver problemas, de interagir e agir na sociedade de forma mais competente e autônoma. Em vista disso, esse trabalho me fez refletir e deixou em aberto a seguinte questão: Porque será que não se consegue desenvolver propostas ancoradas de forma efetiva nos Projetos de Trabalho?

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro e Editora, 2005.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: alfabetização em foco: projetos didáticos e sequências didáticas em diálogo com os diferentes componentes curriculares: ano 01, unidade 06**. Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/index.php>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

HERNANDÉZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HERNÁNDEZ, F. & VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: Art Med, 1998.

JOLIBERT, Josete. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1992.

MONARCHA, Carlos. **Lourenço Filho** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

NOGUEIRA, Ribeiro Nilbo. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo aos desenvolvimentos das múltiplas inteligências**. São Paulo: Editora Érica Ltda., 2009.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

TORRES Santomé, Jurjo. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta; FIGUEIREDO, Luciano; GREIVAS, Cynthia (Org.) **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 3ª. Ed., 2003.

WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio (Org.). **John Dewey**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora, Massangana, 2010.

XAVIER, Maria Luísa. M. Introduzindo a questão do planejamento: globalização, interdisciplinaridade e integração curricular. In: XAVIER, Maria Luísa; DALLA ZEN, Maria Isabel H. **Planejamento em Destaque: Análises Menos Convencionais**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

APÊNDICE I – Roteiro de entrevista semiestruturado

Nome:

Idade:

1. Qual tua formação? Ano de conclusão?
2. Há quanto tempo atuas na docência? Em que níveis?
3. Em que outros locais trabalhastes?
4. Há quanto tempo trabalhas na escola?
5. Como é para ti trabalhar nesta escola? Por quê?
6. Como você veio a se tornar professora e atuar como professora? Por que escolher ser professora?
7. Como organizas o trabalho em sala de aula? Por quê? Me explica como fazes esta organização.
8. Em relação aos projetos aqui na escola, como é? Qual a sua opinião sobre esta forma de organização?
9. Esta organização está de acordo com os teus conhecimentos sobre projetos? Por quê?
10. Existem reuniões de planejamento na escola? Como funcionam?
11. Quais critérios você leva em consideração na escolha do tema e atividades do projeto? Por quê?
12. Me explica como você faz para organizar os conteúdos exigidos dentro da proposta dos projetos?
13. Como você fez para introduzir o trabalho com projetos no dia-a-dia da turma?
14. Como é a participação das crianças no projeto?
15. Como o projeto entra no planejamento semanal? Há outras atividades no planejamento da semana?

APÊNDICE II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Essa pesquisa está vinculada ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É produzida para fins de Trabalho de Conclusão de Curso, e tem como intuito investigar a organização do planejamento por meio de projetos de trabalho.

Para isso, serão realizadas entrevistas individuais com professoras atuantes em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede privada de ensino, em que trabalham ou trabalharam com Projetos de Trabalho.

Eu, _____, RG nº _____ autorizo o registro por escrito e em áudio da entrevista fornecida por mim e a utilização desses dados para fins exclusivos de pesquisa.

A pesquisadora Dilza Cristina Signor, aluna regularmente matriculada na disciplina de Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRGS, sob orientação da professora Dr. Sandra dos Santos Andrade, se compromete a manter em sigilo os dados que possam identificar os sujeitos envolvidos, evitando dessa forma, qualquer prejuízo que possa advir do uso dos mesmos.

Assinatura do/a entrevistado/a

Assinatura da Entrevistadora

Data: ____/____/____